



O DISCURSO PARÓDICO E ARQUETÍPICO NO ROMANCE HISTÓRICO *EL GENERAL EN SU LABERINTO* DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ  
(THE PARODICAL AND ARCHETYPICAL DISCOURSE IN THE HISTORICAL NOVEL *EL GENERAL EN SU LABERINTO* BY GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ)

Wellington Ricardo FIORUCCI (UNESP)

**ABSTRACT:** *Reflections about the archetypal and parodical speech in the historical novel written by Gabriel García Márquez El general en su laberinto, emphasizing his interpenetration with the speech of America history construction.*

**KEYWORDS:** *History; intertextuality; parody; true; fiction.*

0. A aurora da produção ficcional-histórica e os desígnios de um novo romance

O século XX demonstra um interesse crescente pela temática histórica, haja vista a intensa produção ficcional sobre o gênero, que se configura em um expoente do discurso literário latino-americano. No entanto, por absoluta incoerência da maioria do público, vem-se atribuindo ao romance histórico um papel errôneo, a saber, o de libelo do discurso histórico, em detrimento de sua vital importância para a construção de um discurso que recupere o passado e nos possibilite compreender o presente e, por conseguinte, o porvir.

Seguindo as definições concebidas por Seymour Menton (1993), presentes no seu excelente *La nueva novela histórica de la América Latina*, encaramos a obra de García Márquez *El general en su laberinto* (1989) como sendo um novo romance histórico, diferenciando-o assim dos textos dos romances históricos clássicos, como o *Ivanhoé* de Walter Scott, onde encontramos o paradigma deste último gênero. Surgido num contexto de profunda fé historicista, este gênero, aliás muito bem analisado por Lukács, reflete as transformações políticas e socioeconômicas que ocorriam na Europa. Contudo, este romance histórico, que vinha conquistando grande número de leitores de Scott a Dumas, vai sofrendo inúmeras transformações, perdendo o antigo vigor que havia alcançado, embora isto não abale a consolidada imagem européia de berço da civilização.

Já o novo romance histórico, fruto de uma “derivação genética consanguínea”, deflagrar-se-ia décadas mais tarde, momento no qual encontraria um meio mais propício e habilitado para o tratamento da questão da identidade nacional. Outrora, no século passado, alguns autores já buscavam construir uma narrativa que almejava inventar uma tradição, embora divididos por um sentimento controverso ao lidar com sua intrincada relação com o passado e a necessidade de construir uma história própria, em contrapartida àquela inventada pelo colonizador.

Com efeito, apenas a partir de meados do século XX é que desponta um romance capaz de elaborar criticamente nossa relação com a temporalidade ocidental moderna. De fato, *El reino de este mundo* (1949), de Alejo Carpentier, inaugura uma nova visão



histórica, elaborada a partir da realidade latino-americana, então revendo as certezas universalizantes do colonizador. A narrativa histórica hispano-americana de Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Carlos Fuentes e outros, como García Márquez, procura trabalhar com a multitemporalidade e a cultura plural que nos caracteriza, adotando, para isso, conforme observa a professora Vera Follain:

(...) uma anti-história que denuncia as falácias da história eufórica dos vencedores. Problematisa-se a enunciação com o intuito de relativizar verdades tidas como universais e absolutas. (1994:06)

### 1. Discurso histórico e ficcional: sob o signo da verdade

Inevitavelmente, ao discutirmos o romance de cunho histórico, nos deparamos com a discussão nascida da relação entre verdade e ficção, história e literatura. Em primeiro lugar, há que se destacar que esta relação é deliciosamente rica e prolífica, característica que certamente contagiou os escritores apontados anteriormente. Em segundo lugar, de forma alguma podemos considerar esses binômios excludentes entre si. Na verdade, até a Idade Média não havia diferença entre a ciência e a arte. Ambas formas de linguagem se situavam em um mesmo plano; nada mais lógico, afinal tanto uma quanto a outra são compostas por palavras e organizadas a posteriori, ficando sujeitas à subjetividade de seus narradores, mediadores da linguagem.

Sabemos que tanto a história como a literatura têm por objeto a atividade humana, portanto compartilhando do mesmo “corpus” de trabalho. Caso analisemos este embate do ponto de vista aristotélico, chegaremos à conclusão de que a história é vista como uma constatação daquilo que, em determinado tempo e espaço, ocorreu factualmente, ao passo que a literatura, sendo responsável pelo aspecto ficcional, trabalharia com a idéia do que poderia haver ocorrido nesta mesma época e local. Com o advento do positivismo de Augusto Comte, a história, que há tempos vinha buscando um meio de legitimar seu caráter científico e, assim, independentizar-se da literatura, ganha um aliado de grande respaldo neste contexto. Desta maneira, seu discurso passaria a ter caráter de autenticidade, ao passo que a arte literária ficaria relegada ao patamar das “inverdades”, formando dois segmentos discursivos opostos. Acaso isto seria pertinente?

A *Ilíada*, obra não menos que fundadora de nossa cultura ocidental, ao lado da *Bíblia*, trabalha em seu conjunto épico-lírico ambos discursos sem que perca sua força motriz. Até muito pelo contrário, é exatamente este aspecto um dos que a tornam tão viva e sirva de fonte de estudos profícuos tanto para a história quanto para a literatura. Por mais árduo que soe aos ouvidos cientificiados (perdoem-me o termo), a literatura esconde em seu universo peculiarmente mágico uma unidade, uma organização que nem mesmo encontramos na realidade. O romance é seguramente muito mais bem estruturado que o nosso caótico modo de vida moderno. E pasmem os historicistas: a literatura, ainda que mentindo e inventando, diz mais verdades que a história, segundo Vargas Llosa.



Os romances mentem então ? A resposta é um redundante sim. Entretanto, o romance ao mentir expressa, de acordo com o escritor peruano citado antes, “una curiosa verdad”. Em um de seus ensaios, Vargas Llosa chama a atenção para o fato de o romance não ser dependente das lógicas classificações arbitrárias. Destaca com argúcia que desde tempos remotos já havia preconceitos em relação à literatura, pois segundo Vargas Llosa:

Los inquisidores españoles, por ejemplo, prohibieron que se publicaran o importaran novelas en las colonias hispanoamericanas con el argumento de que esos libros disparatados y absurdos – es decir, mentirosos – podían ser perjudiciales para la salud espiritual de los indios. (1990:05)

O caminho feito pelo pensamento ficcional é inverso em relação à lógica histórico-cronológica. Em outras palavras, a lógica indelével do discurso ficcional se concentra no pacto feito com o leitor, estabelecido claramente ou não pelo escritor. Este pacto é que determina a verossimilhança. O romance é o lugar onde se realiza a liberdade, onde se pratica o sonho. Este mesmo romance possui autonomia, podendo adquirir dimensões inimaginadas, diluindo o pálido e débil fio que o separa da realidade. Claro, é na força criadora da literatura movida pelas hábeis mãos do escritor que reside a mágica da vida, a necessidade do ser humano de transgredir, de se libertar e de viver outras vidas. A relatividade dos aspectos inerentes ao universo humano se encontra muito bem discutido ao longo da história literária.

O jogo perene e prodigioso entre estes dois discursos que se atraem e se repelem em um extasiante movimento dialético, evidenciado na narrativa de *El general en su laberinto*, representa, indubitavelmente, uma atmosfera assaz fértil para o desenvolvimento do novo romance histórico. A linguagem, seja a serviço do discurso histórico ou ficcional, converte-se em poderoso veículo desvelador de imagens. Sempre presente na atividade humana ela, no entanto, como veremos a seguir, apresenta matizes que se alternam e se adaptam ao momento e ao discurso do autor-demiurgo, embora recorra o caminho bifurcado em busca da significação que atravessa o intrincado labirinto da expressão do ser, complexo processo de “espejismos” na visão Borgeana.

## 2. A literatura carne, osso e alma.

Na literatura, as personagens, estas criaturas de origem multifacetária e obras feitas de um barro amorfo, sendo assim em constante mutação, sujeitas à ação modeladora de seu autor, são as encarregadas de vencer o labirinto. Não obstante, o que prevalece e nos salta aos olhos é um sem-fim de voltas ao redor dos mesmos problemas, num movimento circular de eterno retorno aos arquétipos que fazem parte do alicerce que é inextricável ao “homem humano”, no dizer de Guimarães Rosa.

No romance de García Márquez nos vemos frente a uma personagem que se encontra, tal qual Sísifo, em um dilema consigo próprio, um diálogo paradoxal com sua alma, afoita, repleta de sonhos e ilusões que parecem estar mais distantes da realização quando justamente se encontram mais próximos a ela. Esta atormentada personagem de



García Márquez, porém, nos revela um dilema muito maior, amplo e devastador, presente no íntimo de cada latino-americano, que nos une mas que também nos separa, o dilema que é o da própria América em sua eterna luta de libertação e retorno às origens.

*El general en su laberinto* está imerso em um contexto atemporal, dada sua temática existencial que se desvela ao fazermos uma abordagem metafísica do protagonista. Por isso, ao penetrarmos em seu universo mágico, nos sentimos parte de um macrocosmo inebriante, inefável como um todo, indelevelmente construído pelo discurso paródico. Neste sentido, compreendemos a frase de um dos personagens do romance, José Palacios, quando se refere ao general, reiterada diversas vezes: “Lo que mi señor piensa, sólo mi señor lo sabe”. Este tópico nos conduz às conclusões anteriores, pois subentende-se o conflito da personagem consigo mesma, em seu confronto no espelho que é o reflexo de sua própria alma angustiada.

A personagem ficcional, habilmente construída por um discurso que é mítico mas que é também implacavelmente factual, vislumbra a personagem histórica Bolívar, e só a vislumbra pois dentro do tecido narrativo ambas instâncias se borram para dar lugar à personagem metafórica América. Com efeito, o romance constitui-se no legado da vida de Bolívar, este sonhador incansável e, embora o texto nos remeta apenas aos últimos dias do general, a força do discurso arquetípico nos possibilita um mergulho por toda a inconstância do ser dialético que é o homem e é o continente de almas divididas. O general segue inexoravelmente seu rumo ao mar, que ele arduamente tenta evitar, signo carregado de simbologia, que é para a personagem humana o fim, signo de morte, mas que para o continente continuará sendo a dúvida, o eterno percurso rumo ao desconhecido. Dentro deste eixo principal é que se articula o romance em seu diálogo consigo mesmo no espelho.

Sem dúvida o texto ganha ainda maior significação em seu diálogo intertextual, pois nos direciona para o tempo circular de *Cien años de soledad*, no qual temos:

Ya esto me lo sé de memoria (...) Es como si el tiempo diera vueltas en redondo y hubiéramos vuelto al principio. (1969:169)

Neste caso, evidenciar-se-á o tempo do eterno retorno, do jogo constante entre vida e morte, pois o viver nada mais é do que o morrer. Assim como Úrsula Iguarán, o general se vê preso a um destino irremediável, que ambos deixam claro ao longo dos textos:

Nadie estaba más pendiente que él de la suerte de sus oficiales, de sus minucias cotidianas y del horizonte de su destino, pero cuando los problemas eran irremediables los resolvía engañándose a sí mismo.(1989:166)

Assim como seu continente, a personagem tenta se livrar das amarras a que está presa, dando voltas em torno do mesmo eixo, ora anunciando o exílio, ora negando-o,



perdido nos caminhos labirínticos de sua própria alma. Contudo, sabe o general que seu fim é certo e, embora um sonhador - leitor profícuo dos filósofos proibidos, sobretudo Rousseau - , muitas vezes é obrigado a admitir a iminência do ocaso de sua luta, que é a sua própria vida:

– No seas pendejo - dijo el general - Para nosotros la patria es América, y toda está igual: sin remedio.

No lo dejó decir más. Le habló muy largo, mostrándole en cada palabra lo que parecía ser su corazón por dentro, aunque ni Carreño ni nadie había de saber nunca si en realidad lo era. Al final le dio una palmadita en la espalda, y lo dejó en las tinieblas.

– No delires más, Carreño, le dijo. – Esto se lo llevó el carajo.(1989:170)

Fica clara, nestas passagens, a imagem do ser derrotado, cômico de sua condição *sine qua non* existencial, caminhando para um destino que lhe é próprio. Entretanto, é válido destacar que o texto jamais percorre o caminho da lógica, pois, na realidade, ele perpetua o tempo mítico e desrealizador que se encontra nos recônditos mecanismos dialéticos e contraditórios da personagem. Sendo assim, novamente estabelece um diálogo intertextual, transportando-nos para a lógica inversa do texto de *Viaje a la semilla*, de Alejo Carpentier, precursor do novo romance histórico. Esta “lógica ao contrário”, circular, é a própria metáfora da vida e morte, constantemente reavivada pelos discursos antagônicos do general em torno de sua partida ou não ao exílio.

### 3. Vida e morte no mesmo espelho.

Ao nos defrontarmos com este contundente texto, aliás repleto de armadilhas para o leitor desavisado, nos vemos tentados a um questionamento que paira sobre um ar de incerteza, levando-nos a refletir se realmente seria o General o protagonista eleito ou, neste caso abrindo o leque de interpretações (que agora se aproxima muito mais da caixa de Pandora), não encontraríamos um arquétipo que fatalmente nos leva ao protagonista supra-textual América. Convenhamos, é um aspecto assaz pertinente e passível de uma análise pormenorizada.

Neste sentido, ampliando nossos horizontes simbólicos, percebemos que o entretecido texto de García Márquez nos conduz a uma relação paródica com dois níveis de protagonistas; dois históricos, a saber, Colombo e Bolívar, e um outro de suma relevância na construção da significação do texto, o mar, no qual se fecha o ciclo temporal da obra. Em poucas letras, nosso personagem “general” luta amiúde contra as intransigências do labirinto, metáfora de suas angústias, bem como de sua personalidade contraditória, dialética. Contudo, é o mar a grande solução para o labirinto, símbolo de liberdade, podendo ser lido paradoxalmente como vida e morte. Assim como para Colombo, para o general o mar era o espaço onde por excelência habitavam os sonhos, evidenciado em uma frase do próprio Colombo: “O mar nos trará esperanças, assim como o sono nos traz os sonhos”. Esta libertação o esperava além do rio Magdalena, no encontro deste com o mar, que o carrega independente de suas forças. Por isso, compreendemos a sua angústia na frase: “Estoy condenado a un destino de



teatro”(1989:87), contraposta a outra: “Éste no es mi teatro”(1989:41), ou seja, não a sua América sonhada, tristemente carregada em sua frase: “ (...) yo me he perdido en un sueño buscando algo que no existe”(1989:223). O mar, assim signo de desterro e liberdade, é claramente aludido quando em sua afirmação acerca das dificuldades que lhe impõe o labirinto da história: “Entre él y nosotros está el mar de por medio”(1989:62). Embora se refira a Santander lemos nas entrelinhas o desejo de atingir o sonho, realizável na travessia deste mar de esperanças.

Este personagem humano, desmitificado pelo discurso penetrante do texto, devastador em sua caudalosa apresentação do Bolívar sucumbido pelos caminhos incertos pelos quais percorre a América, em última instância pelos quais transcorre e escorre sua própria vida, acaba por ser uma fragmentação do louco conquistador Colombo, personagem histórico, e Bolívar, também histórico, incansável sonhador, exemplos de almas incompreendidas em sua época, que foram separadas pelas linhas do tempo mas que as transpõem graças a força do discurso mágico-literário. A resposta buscada pelo personagem está incondicionalmente dentro de si mesmo, assim como estava e ainda está (América) em seus correlatos paródicos, e este a desvela mesmo sem saber, ao encontrar-se consigo mesmo no espelho de sua vida: “ Carajos, suspiró. Cómo voy a salir de este laberinto”(1989:266).

**RESUMO:** Reflexões sobre o discurso arquetípico e paródico presente no romance histórico de Gabriel García Márquez *El general en su laberinto*, destacando-se sua interpenetração com o próprio discurso de construção da história da América.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; intertextualidade; paródia; verdade; ficção.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARPENTIER, Alejo. "Viaje a la semilla". In: *Guerra del Tiempo*. Santiago de Chile, Editorial Orbe, 1969.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1969.
- \_\_\_\_\_. *El general en su laberinto*. Bogotá, Editorial Oveja Negra, 1989.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1994.
- MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992*. México: FCE, 1993.
- VARGAS LLOSA, M. "La verdad de las mentiras". In: *La verdad de las mentiras. Ensayos sobre Literatura*. 2ª ed. Barcelona: Seix Barral, 1990.